

# O Brasil vai desperdiçar seu boom do petróleo?



» RICARDO ALBAN  
Empresário e presidente  
da Confederação Nacional  
da Indústria (CNI)

O Brasil tem diante de si uma oportunidade de que poucos países terão nas próximas décadas: ampliar a produção de petróleo e gás, explorar minerais críticos, desenvolver uma bioeconomia de escala global e aproveitar uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Isso tudo plugado no nosso imenso e dinâmico mercado interno, nosso povo empreendedor e nossa relativa estabilidade geoeconômica em tempos de instabilidade global.

A pergunta é simples: vamos transformar essa nova riqueza em desenvolvimento ou apenas em mais uma fonte para financiar um Estado que cresce mais rápido que a economia? O debate fiscal costuma ser reduzido a uma escolha entre cortar gastos e aumentar impostos. É uma falsa dicotomia. Precisamos gastar melhor, arrecadar melhor e, sobretudo, fazer a economia crescer de forma rápida e sustentável.

O primeiro passo é a racionalização dos gastos públicos. O Brasil precisa de um plano pluri-anual de consolidação fiscal, com trajetória transparente para dívida, resultado primário, despesas obrigatórias e receitas recorrentes. Não se trata de ajuste cego. Trata-se de questionar, para cada gasto público, quanto custa, que resultado entrega e se existe maneira mais eficiente de alcançar o mesmo objetivo.

A segunda frente é o incremento das receitas, mas sem transformar toda dificuldade fiscal em aumento de impostos. O Brasil precisa aproveitar as novas riquezas que tem diante de si como o boom do petróleo e gás natural, os minerais críticos, a bioeconomia. E é essencial que essas riquezas sejam precedidas de agregação de valor e adensamento de suas cadeias industriais. Não podemos repetir o modelo em que exportamos a matéria-prima e importamos boa parte dos produtos de maior valor agregado. A exploração na Margem Equatorial, por exemplo, precisa estar associada a uma estratégia de desenvolvimento de fornecedores, engenharia, equipamentos, serviços tecnológicos e infraestrutura.

A terceira frente é recuperar receitas que hoje escapam do Estado e da economia formal, com combate firme ao contrabando, à falsificação, ao subfaturamento e ao mercado ilegal. Não é apenas uma questão policial. É uma questão fiscal, econômica e industrial. Segundo estimativa citada no documento da CNI, o mercado ilegal custou R\$ 473 bilhões à economia brasileira em 2025, incluindo R\$ 146,8 bilhões em tributos não arrecadados. Combustíveis são um exemplo particularmente grave. Cigarros eletrônicos, outro.

A quarta frente é a defesa comercial, para assegurar condições minimamente equivalentes de competição à produção brasileira. Isso significa utilizar antidumping adequado e justo, medidas compensatórias e salvaguardas quando necessárias, além de enfrentar importações que chegam ao país em condições artificialmente favorecidas.

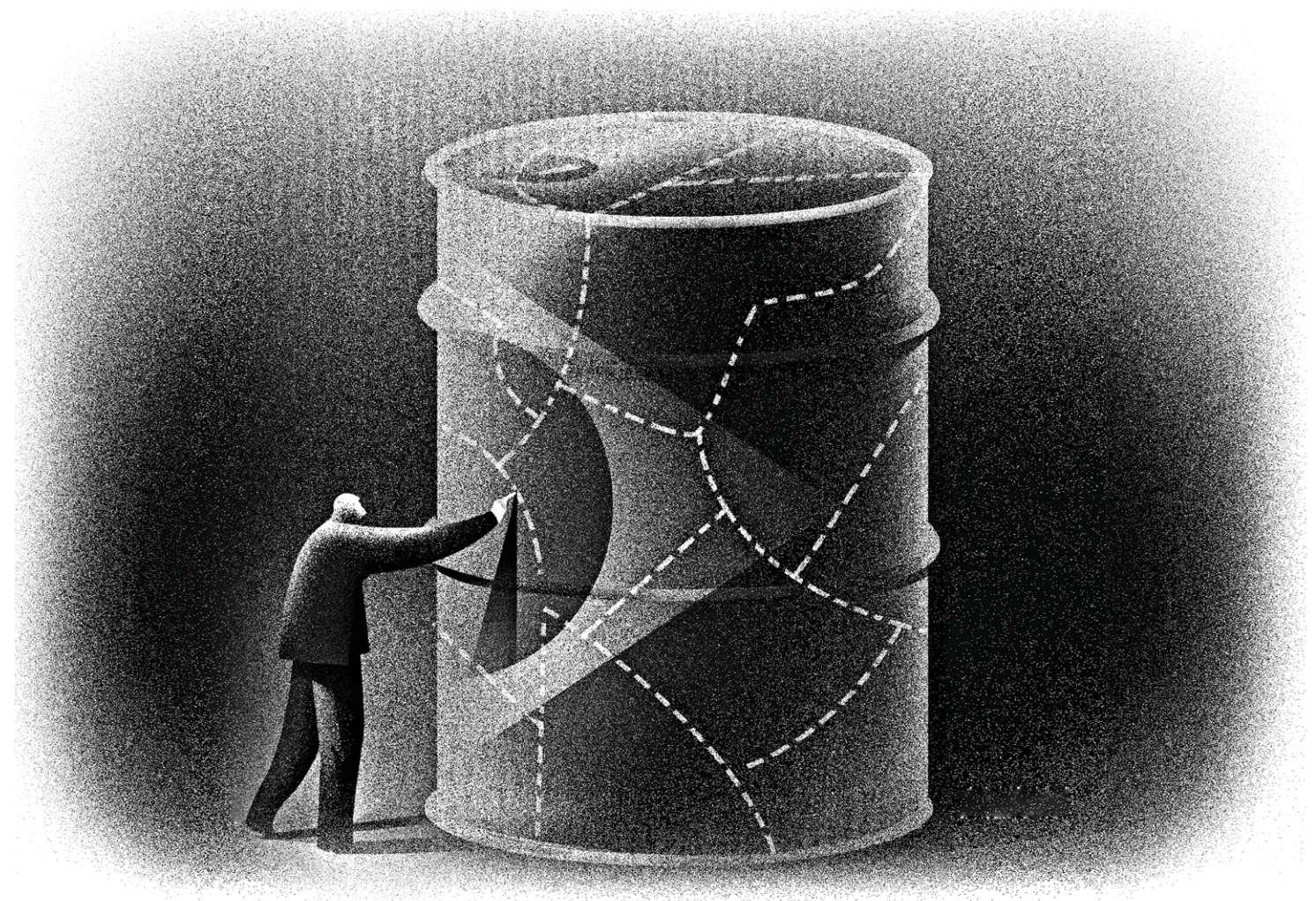
Finalmente, precisamos enfrentar as reformas estruturantes. A reforma administrativa

é necessária para que o Estado entregue mais com menos recursos. A inteligência artificial certamente cria mais condições para essa busca de eficiência. A Previdência precisa continuar sendo modernizada. E vale debater uma reforma eleitoral e institucional capaz de reduzir incentivos ao curto-prazismo e criar condições para que decisões de Estado sejam tomadas com horizonte de décadas, e não apenas até a próxima eleição.

É nesse ponto que voltamos ao petróleo. Se gerar apenas dólares para financiar despesas correntes, teremos aproveitado uma pequena parte da oportunidade. Se financiar infraestrutura, inovação, indústria, refino, petroquímica, engenharia, formação profissional e novas cadeias produtivas, transformaremos uma riqueza finita em capacidade produtiva permanente.

O Brasil não precisa escolher entre responsabilidade fiscal e desenvolvimento. Precisa fazer uma coisa financiar a outra. Um Estado mais eficiente abre espaço fiscal. Uma economia mais produtiva amplia a arrecadação. O combate ao mercado ilegal recupera receitas. A defesa comercial protege empregos e investimentos. A agregação de valor transforma recursos naturais em indústria. E as reformas estruturantes reduzem o custo permanente do país.

O que precisamos agora é transformar riqueza em produtividade, produtividade em crescimento e crescimento em equilíbrio fiscal. A combinação do boom do petróleo com a inteligência artificial forma uma oportunidade histórica para isso. A verdadeira riqueza que o petróleo pode trazer para o Brasil não está debaixo do mar. Está na indústria, na tecnologia, na infraestrutura e na produtividade que conseguirmos construir com ele.



## O corpo que muda mais rápido que o hábito



» KARINA MILARÉ  
CEO da Reds Research

Sentir-se mal com o próprio corpo deixou de ser uma queixa íntima para se tornar uma estatística de massa. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são contundentes: em 2019, 60,3% da população adulta brasileira estava com excesso de peso — cerca de 96 milhões de pessoas — e uma em cada quatro pessoas com 18 anos ou mais já era obesa, o equivalente a 41 milhões de brasileiros. Em apenas 17 anos, a obesidade adulta mais do que dobrou, passando de 12,2% para 26,8%. E o desconforto não se distribui por igual: a obesidade feminina (30,2%) é consistentemente maior do que a masculina.

Por trás de cada ponto percentual, há uma pessoa que, muito provavelmente, carrega um incômodo cotidiano com a própria imagem. Não surpreende, então, que as canetas emagrecedoras tenham se tornado um fenômeno tão veloz. Elas chegaram como resposta a um peso que é, ao mesmo tempo, físico e emocional.

A pesquisa que conduzimos na Reds, com mil usuários de canetas emagrecedoras, mostra que o grande motor dessa procura é legítimo: as pessoas querem se sentir bem com o próprio corpo.

E, em larga medida, conseguem. A parcela que se diz satisfeita com o corpo salta de 17% para 61% após o início do tratamento. A sensação de cuidar bem da saúde vai de 41% para 74%. A culpa ao comer e a ansiedade com o peso recuam.

Mais do que isso: 68% dos entrevistados afirmam que passaram a cuidar mais — ou muito mais — de si mesmos, e 63% se matricularam em uma academia. Esse é o lado virtuoso do fenômeno, e ele não deve ser minimizado. O movimento que começa pela balança acaba puxando uma reorganização ampla dos hábitos diários, dos gastos e do bem-estar. Nossa pesquisa registra a queda no consumo de ultraprocessados, o crescimento de alimentos in natura e proteicos, o aumento da frequência em cuidados com a pele e o corpo. Há, de fato, uma transformação real de comportamento.

Mas a perda de peso é só o começo. O ponto que merece atenção é este: emagrecer não é o fim da linha — é o início dela. E aqui os dados externos acendem um sinal amarelo. Estudos sobre os análogos de GLP-1 mostram que, ao interromper a medicação, o peso tende a voltar rápido. Em um dos ensaios mais citados, os participantes recuperaram, em média, dois terços do peso perdido em cerca de um ano. Cerca de metade dos pacientes abandona o tratamento já no primeiro ano de uso. E a literatura é clara: mesmo quem mantinha dieta e atividade física voltou a ganhar peso após a parada.

A leitura é desconfortável, mas necessária. A caneta entrega o resultado; ela não entrega, sozinha, o hábito. O corpo o tratamento termina sem que tenha havido uma reconstrução

consistente da relação com a comida, com o movimento e com o próprio corpo, o organismo tende a fazer o caminho de volta — o velho efeito sanfona, agora em escala farmacológica. Não é coincidência que, na nossa pesquisa, praticamente ninguém declare ter encerrado o tratamento: a manutenção do peso segue dependendo da própria medicação.

É por isso que vale separar duas coisas que costumam ser confundidas. Uma é a busca pelo “corpo ideal” — uma régua estética estreita, que pressiona sobretudo as mulheres e que nenhuma medicação resolve, porque o problema nunca esteve no corpo, e sim na régua. Outra, bem diferente, é a construção de um estilo de vida sustentável, em que alimentação, atividade física e saúde mental deixam de ser projeto temporário e viram rotina.

As canetas emagrecedoras podem ser uma porta de entrada poderosa para a segunda. Elas dão o impulso inicial, aliviam a culpa, devolvem disposição e autoestima — e essa janela de motivação é valiosa. Mas só se transforma em mudança duradoura se for usada para o que realmente importa: criar hábitos que se sustentem quando a caneta não estiver mais lá.

O recado, no fim, é de equilíbrio. O fenômeno é real e traz transformações concretas na vida de milhões de pessoas. Reconhecê-lo é honesto. Mas tratá-lo como solução definitiva seria ignorar o que os números mostram. Sentir-se bem com o corpo é um direito — e um motor saudável de mudança. O corpo ideal, porém, não é o que cabe num padrão. É o que se sustenta sem depender de uma dose por semana.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha // [circecunha.df@adabr.com.br](mailto:circecunha.df@adabr.com.br)



## O ópio dos que acreditam pensar

Em 1955, num continente ainda em brasa pela memória de duas guerras e já dividido pela Guerra Fria, o sociólogo francês Raymond Aron publicou *O ópio dos intelectuais*, um libelo lúcido e incômodo contra a intelligentsia parisiense que, sentada nos cafés de Saint-Germain-des-Prés, fazia coro ao marxismo soviético como quem professa um novo catecismo. O título é a chave de tudo: se Marx dissera que a religião era o ópio do povo, Aron devolveia o golpe mostrando que, para os intelectuais do século 20, o ópio havia se tornado a própria ideologia com o comunismo lido não como hipótese política sujeita a prova, mas como fé redentora, incontestável, imune aos fatos.

O livro nasce de um espanto moral: como homens de formação refinada, treinados na dúvida metódica e na crítica das fontes, podiam justificar ou silenciar os expurgos de Stalin, os processos de Moscou, a fome provocada na Ucrânia, os campos de trabalho forçado? Aron não pergunta isso com desprezo, mas com a inquietação de quem viveu ao lado dos mesmos colegas de faculdade que escolheram o caminho oposto ao seu.

Jean-Paul Sartre é o interlocutor implícito em quase todas as páginas: o filósofo que dizia não ser preciso condenar Stalin porque um dia “a história absolveria” seus métodos, desde que o fim fosse justo. Aron respondia que essa é exatamente a estrutura do fanatismo religioso disfarçado de razão: sacrificar o presente, os corpos concretos, as vidas reais, ao altar de um futuro que nunca chegará para ser devidamente cobrado.

Como a tese central poderia ser resumida em três mitos que Aron desmonta um a um. O primeiro é o mito da esquerda e da direita como categorias morais absolutas, como se um dos lados detivesse, sozinho, o monopólio da virtude histórica. O segundo é o mito da revolução, tratada não como acontecimento político sujeito a análise fria de custos e resultados, mas como purificação quase religiosa, capaz de redimir a violência que a acompanha. O terceiro, e mais profundo, é o mito da própria História, escrita com H maiúsculo, como se possuísse um sentido necessário, um rumo garantido, uma direção que dispensaria o intelectual do trabalho penoso de julgar caso a caso.

É esse determinismo disfarçado de ciência, e não a defesa de tal ou qual partido, que Aron chama, com precisão cirúrgica, de “ópio”. O entorpecimento da razão ou a cegueira da lógica. O que torna o livro devastador, e ainda hoje atual, não é apenas a crítica ao comunismo soviético, hoje tema de museu para muitos leitores. É o mecanismo psicológico e sociológico que Aron expõe: ou seja, o intelectual, precisamente por se orgulhar de sua autonomia crítica, é o mais vulnerável a abraçar sistemas totais de explicação que o dispensem de pensar problema por problema.

Não pensem, nem por um minuto, que também os intelectuais têm preguiça de pensar. Pensar dá trabalho. A adesão ideológica oferece uma economia cognitiva sedutora substituindo a incerteza do juízo particular pela segurança de uma doutrina que já resolveu, de antemão, todas as perguntas. Quanto mais o intelectual se sente parte de uma vanguarda esclarecida, maior é o risco de que essa vaidade o cegue diante dos fatos que desmentem sua fé. Aron não poupa nem os conservadores presos a nostalgias igualmente dogmáticas; sua defesa é de um liberalismo cético, o do “espectador enganado”, que participa da vida pública sem jamais abdicar do direito de duvidar do próprio campo.

Rer esse diagnóstico quase 70 anos depois é medir a extensão de uma cegueira que não ficou presa ao século passado. Trocaram-se os símbolos, a foice e o martelo, por outras bandeiras, o Kremlin por outros centros de irradiação doutrinária, mas o mecanismo psíquico que Aron descreveu permanece intacto ainda hoje: a substituição do exame dos fatos pela lealdade ao grupo, a conversão de posições políticas em identidades morais inegociáveis, o desprezo pelo adversário, tratado não como interlocutor a ser convencido, mas como herege a ser expulso do círculo da razão. É o ópio funcionando exatamente como antes: dando ao crente a paz de quem já não precisa mais pensar.

O Brasil de hoje oferece um estudo de caso que Aron, de certo, reconheceria sem dificuldade. Nas universidades, departamentos inteiros das ciências humanas converteram-se em espaços de reprodução ideológica antes que de investigação livre, onde a discordância teórica é tratada como desvio moral e a diversidade de pensamento, mais do que rara, é ativamente desencorajada. O grito hoje nesses lugares é “recua fascista”. E uma parcela influente dos formadores de opinião repete, com a mesma convicção messiânica que Aron via em Sartre, o gesto de justificar o injustificável contanto que venha do lado “certo” da história, substituindo o exame caso a caso pela lealdade tribal, ou a pergunta incômoda pelo silêncio cúmplice.

Um hábito, tão simples e tão raro, deve ser considerado, o de julgar cada questão por seus próprios méritos, resistindo à tentação confortável de terceirizar o juízo a uma tribo, um partido ou uma causa. Sem esse hábito, o abismo que Aron via se abrir sob os pés dos intelectuais europeus dos anos 1950 continua ali, agora sob os pés de quem acredita, com a mesma inocência de então, estar do lado certo da história.

### » A frase que foi pronunciada

“Longe do marxismo ser a ciência da infelicidade operária e o comunismo a filosofia imanente do proletariado, o marxismo é uma filosofia de intelectuais que seduziu frações do proletariado, e o comunismo faz uso dessa pseudociência para atingir seu fim próprio, a tomada do poder.”

Raymond Aron

### » História de Brasília

*Aliás, que éles, voluntariamente, passaram a preferir a nacionalidade italiana, nos dá bem conta esta notícia publicada no O Estado de São Paulo de 23 do corrente (telegramas da AFP, UPI e AP) (Publicada em 25/5/1962)*